



CINEMA PARADISO

Boletim n. 291

São Paulo, 06 de junho de 2011.



Próxima Reunião: 12/06/2011 – Domingo às 16:00 h

O HOMEM AO LADO
(*El Hombre al Lado*)

Diretor: Mariano Cohn e Gáston Duprat (*)

(*) Mariano Cohn nasceu em 01/12/1975 e Gáston Duprat em 08/12/1969. São diretores e produtores de TV e cinema da Argentina. Começaram na TV em 1999. Ambos se conheceram no Festival de Vídeo Experimental de Buenos Aires de 1993. Gáston era membro do júri e Mariano concorria com o vídeo *Um dia más em la tierra*. Criaram juntos mais de 20 obras no campo de filme e vídeo experimental. O primeiro longa deles foi *Enciclopédia* (1998).

"KEN RUSSELL: O MAIS ROCKER DOS CINEASTAS BRITÂNICOS"

O Rock no Cinema Britânico. Resolvi recuar mais no tempo e falando de um grande diretor inglês que se notabilizou por criar grandes filmes baseados na música, direta ou indiretamente com enfoque Rocker: Ken Russell.

Nascido em 1927 em Southampton, tornou-se militar na juventude, tendo servido na Marinha e Aeronáutica de Sua Majestade. No final dos anos 1950, após abandonar a carreira militar e se casar, começou a se envolver com arte, inicialmente em pequenas produções de música e ballet, passando para a fotografia.

Contratado pela BBC em 1959, inicia carreira como documentarista, tendo feito significativos trabalhos para a TV enfocando biografias de artistas plásticos, divas do teatro e compositores da música erudita.

Profundamente interessado pela música Folk britânica, foi embrenhando-se no meio musical, conhecendo a cena da Swingin' London da segunda metade dos anos 1960 e preparando o terreno para sua carreira como cineasta que começaria a deslançar a partir do final daquela década.

Seu primeiro filme musical foi a extraordinária cinebiografia do compositor russo Tchaikowsky, denominada "The Music Lovers" ("Delírio de Amor"), lançado em 1970. Aí, Kenny já soltaria sua verve Rocker alucinogenamente psicodélica, com um show de imagens oníricas. Os delírios do compositor russo se transformaram em puro exercício lisérgico ao som de sua esplêndida música. O ator Richard Chamberlain, interpretou o compositor russo. A crítica achou exagerado e o público da música erudita não gostou das cenas alucinógenas, mas o fato é que Kenny passou a ser notado depois desse lançamento.

Uma nova incursão musical se daria em "The Boy Friend" ("O Namorado"), lançado em 1971. Protagonizado por Twiggy e Glenda Jackson, era um musical no estilo Cabaret, mas onde evidentemente elementos mais ousados foram colocados, fugindo do padrão usual.

Mas a consagração veio mesmo com "Tommy", lançado em 1975. O delírio máximo que poderia conceber para retratar a saga do menino cego, surdo e mudo da monumental Ópera-Rock do *The Who*.

Com carta branca de Pete Townsend, Ken Russell deu asas à imaginação e fez um dos filmes mais loucos da história do rock, usando e abusando de alegorias, lisérgia, nonsense e profusão de

elementos oníricos.

Recheado de estrelas do cinema inglês e americano e estrelas convidadas do Rock, o filme foi sucesso absoluto de bilheteria e a obra do *The Who* dispensa comentários.

Empolgado com o sucesso estrondoso de "Tommy", Russell parte para um projeto ambicioso: Retratar a biografia do pianista e compositor Franz Liszt. Assim como já ouvia ousado ao retratar Tchaikowsky anos antes, carregou ainda mais na loucura e fez "Lisztomania" em 1976, ambientando a vida de Franz Liszt à sua época original, o século XIX, só que o retratando como um astro do Rock da década de 1970. Fazendo-o tocar em teatros lotados de fãs históricas e groupies, mas em pleno século XIX, mais uma vez usou e abusou da loucura. Roger Daltrey, o vocalista do *The Who* que interpretara "Tommy", atacou de ator mais uma vez e viveu o compositor e pianista.

Emendando uma loucura na outra, Ken Russell colocou o compositor Richard Wagner como um nazista tresloucado; o tecladista Rick Wakeman (que gravou os temas de Liszt na trilha sonora do filme) como o Deus Thor, criado como um Frankenstein e Ringo Starr como um profano Papa Pop (Na sua estola Papal, figuras sensuais de Marylin Monroe).

Após "Lisztomania", Ken Russell deixou de lado um pouco o cinema de sabor Rock e seu próximo trabalho foi a ficção científica "Altered States" ("Viagens Alucinantes"), que não tem nada musical, nem Rocker explicitamente, mas é fortemente influenciado pela contracultura, pois quem nos anos 1960/1970 tomou contato com a literatura antropológica de Carlos Castañeda, há de gostar desse filme, que por isso também é um ícone entre os apreciadores de Sci-Fi. As cenas do personagem do ator William Hurt, viajando de peyote e/ou mescalina numa caverna remota de um deserto mexicano com shamans locais, é um dos maiores delírios lisérgicos da carreira de Ken Russell.

Atualmente Ken Russell está aposentado. Seu último trabalho foi em 2002, chamado "The Fall of the Louse Usher"

Por Luiz Domingues - Músico

<http://blogdojuma.blogspot.com/2011/04/ken-russell-o-mais-rocker-dos-cineastas.html?spref=fb>



QUEBRANDO O TABU

A Cocaína é de direita; a maconha, de esquerda.

Angeli

Em Brasília

"PAMONHA" - esta foi a palavra de ordem usada em cartazes por cerca de 1.000 manifestantes para driblar ordem judicial que proibia a Marcha da Maconha.

No centro do poder, o PSDB teme por "custo eleitoral" por conta da postura de FHC em favor da "descriminalização da maconha".

Em São Paulo

Em São Paulo - cerca de 700 manifestantes, inclusive jornalistas, sofreram dura repressão da PM, por ocasião da Marcha da Maconha.*

No País

Em várias capitais, o Ministério Público opôs-se fortemente a marchas do gênero.

&&&

Esse é o cenário - com alguns acertos, muitos equívocos e, sobretudo contradições - que antecede à exibição do polêmico documentário *Quebrando o Tabu* (Brasil, 2011, Dir.: Fernando Grotstein Andrade), cujo âncora é ninguém menos que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o FHC.

Com um ritmo frenético no início, com direito a um bom trabalho de animação de arte, o filme começa mostrando como a humanidade sempre esteve às voltas com as drogas para, logo em seguida, mostrar a visão dominante nos (e dos) EUA para o mundo, personificada nas falas de Ronald Reagan, que se intitularia "Guerra às Drogas".

A edição feita na base de trechos muito entrecortados das falas dos "protagonistas" garante o bom ritmo do filme, mas causa desconforto e desconfiança no espectador - quanto de manipulação poderia estar havendo sobre o contexto original das entrevistas?

Com o transcorrer da fita, entretanto, a sensação é de um documentário que, embora tendencioso, é honesto. A começar pelo alerta de FHC de que sua bandeira não é a legalização, mas a descriminalização da droga.

FHC, pensador acostumado a lidar com ideias e modelos, tem a seu favor o fato de que esse modelo por ele defendido não é fruto de simples experimento mental (sem ironia, aqui), mas decorrente de experiências mais ou menos bem sucedidas com a descriminalização de drogas, como ocorridas na Holanda e Portugal.

No filme, FHC parte das premissas: de que a maconha é "droga leve" (nos seus efeitos) em relação às outras, como cocaína e crack (esse argumento é contestado por muitos especialistas); a política de repressão ao consumo de drogas nunca deu certo; também considera que o custo de se tratar um doente (viciado em drogas) é menor do que o de manutenção de um presidiário (isso não é rigorosamente demonstrado no filme, mas é plausível); para além disso, expõe números: nos países onde foi adotada a descriminalização ou o tratamento a viciados por parte de órgãos oficiais, houve concomitante redução no consumo de drogas e da violência a ele associada.

Na verdade, as questões que envolvem a defesa da descriminalização de drogas encerram contradições dentro e fora do filme: (1) por que o filme pode ser exibido, mas não pode haver 'Marcha da Maconha'? (2) o surpreendente e polêmico perfil do FHC de hoje não é (ou parece ser) o daquele político com postura dúbia e subserviente à posição norte-americana dos seus tempos de presidência - por isso hoje é taxado de "farsante" por ex-auxiliares seus; (3) álcool e cigarro são (ou contém) drogas e seu consumo é permitido nos limites da lei em diversos países; (4) na Holanda, o consumo de maconha é permitido nos "coffeeshops" **, mas não é liberado nas ruas, tampouco sua produção é permitida.

O grande mérito do filme, que contou com a participação de nomes como o do médico Dráusio Varela, Bill Clinton, Jimmy Carter, Paulo Coelho, Gro Brundtland (diretora da OMS) e a ex-presidente da Suíça, Ruth Dreiffus, é que ele propicia um debate que alcança a mídia, autoridades e diversos setores da sociedade: "Embora existam perdas cognitivas e de memória, caso o uso seja continuado, a dependência química ainda não foi demonstrada", diz uma toxicologista da UnB. Já o coronel reformado da PM em São Paulo, afirma: "Sou favorável à linha da descriminalização, mas precisamos ter cuidado. Siamo um país problemático (...)".

No bojo, outro mérito da fita - traz para o gênero outro filão de ouro: a perspectiva de explorar temas polêmicos, que poderiam anteceder até mesmo a um plebiscito.

Fica, pois, a pergunta: deveria o Brasil se adequar às exigências do modelo defendido por FHC, ou deveria tal modelo se ajustar à nossa realidade de instituições de saúde e segurança falidas?

Filme **imperdível** para educadores, formadores de opinião e estudantes. Destaque do filme: o alerta de Paulo Coelho quanto ao consumo de drogas. Uma falta: não foi abordada a posição oficial do governo brasileiro a respeito do assunto.

* Leiam o contundente e pertinente manifesto contra a ação da PM e à conduta do Estado quanto às liberdades feita por Henrique Mogadouro em: http://congressoemfoco.com.br/noticia.asp?cod_canal=4&cod_publicacao=37234;

** Na Holanda, a maconha é vendida apenas em *coffeeshops*, que não são a mesma coisa que *Cafe* (são bares) e *Koffehuis* (onde propriamente o café é servido).

Marcos Paulino (da Sucursal de Brasília)



Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Contracorrente</i>	8,58
<i>Em Um Mundo Melhor</i>	8,54
<i>Caminho da Liberdade</i>	7,85
<i>Água para Elefantes</i>	7,70
<i>Cisne Negro</i>	6,60